



RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DOCENTE: TIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Débora Ribeiro da Costa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo: Nesse artigo proponho uma reflexão sobre o perfil do profissional que atua na educação infantil, qual gênero está mais associado à profissão e como isso tem sido abordado no cotidiano entre os próprios profissionais. Para isso foram utilizados, vídeos, dinâmicas, entrevistas e conversas em grupo com profissionais de um Centro de Educação Infantil no Município de Corumbá. Tivemos aceitação e tranquilidade no aceite da pesquisa por parte dos docentes. Durante as dinâmicas podemos observar momentos de descontração, diante de abordagens dos papéis sociais do homem e da mulher e perceber que socialmente ainda estão impregnadas as obrigações aliadas ao gênero. Compreendemos ainda que mesmo diante de falas afirmando desprezarem a diferenciação no tratamento do profissional de acordo com o perfil social e de gênero, e que não tratam com desigualdade o único profissional do gênero masculino atuante na instituição, percebemos nas falas impregnada a diferenciação no tratamento para com as crianças quando menino ou menina, com a justificativa que é necessário ensinar seus papéis sociais. Os profissionais abordaram os anseios nas orientações às crianças que podem se diferenciar da abordagem familiar. Os profissionais afirmam que a realidade ainda demonstra atraso nessa igualdade profissional e que a presença do gênero masculino na educação infantil evidencia tratamentos e olhares diferentes por parte de alguns colegas e pais. Ao término da pesquisa, a certeza é única, o que define um bom profissional não é seu perfil social ou gênero, mas o empenho e competência no desempenho de suas funções. E precisamos lutar por isso diariamente.

Palavras-chave: Gênero; educação infantil; docência masculina.

Introdução

Formei-me professora no ano de 2006 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Corumbá. No ano subsequente iniciei minhas atividades docente em uma Instituição de Ensino particular no município vizinho, na cidade de Ladário. Ali comecei a descobrir alguns medos provenientes da não certeza da prática e pouquíssima segurança naquilo que deveria desenvolver. Dúvidas bastante comuns em qualquer profissão principalmente à de professor. Foi então que tive a oportunidade de ouvir de uma das gestoras da instituição que “uma boa



prática seria melhor desenvolvida se eu já tivesse filhos”. Declaração que me marcou e me fez pensar no perfil que alguém deve ter e/ou desenvolver para tornar-se um professor.

Algum tempo se passou até chegar este momento que não poderia ser mais oportuno para abordar a questão considerando que durante a escolha do tema de pesquisa presenciei alguns fatos envolvendo um professor homem em uma unidade de educação infantil pública, situação bastante constrangedora, onde um professor com anos de experiência na educação infantil, em um determinado momento, sem prévias explicações foi tolido parcialmente em desenvolver suas atividades na instituição pelo simples fato de ser homem, ficando restrito a atuação em uma sala de pré-escola. Tal situação surpreendentemente ocorreu após dezessete anos de prática docente deste profissional na educação infantil. Enxerguei neste caso uma semelhança discriminatória àquela que vivi por não ser mãe. Surgiu então a certeza de pesquisar sobre a relação de gêneros na educação infantil na perspectiva do profissional atuante. O objetivo é compreender o que estes profissionais entendem pelo vocábulo gênero e como são desenhadas estas relações no cotidiano de uma creche. Como tem sido aceito (se é que tem sido) a entrada e permanência de homens enquanto professores de crianças pequenas. Foram convidados a participar desta pesquisa todos os professores desta creche, onde foram utilizados vídeos, dinâmicas e entrevistas que foram gravadas e transcritas na íntegra.

Gênero: breves considerações

Quando nos propomos a escrever sobre algo o princípio básico está em entender, compreender e de alguma forma conceituar sobre o objeto de pesquisa durante e principalmente após a pesquisa. No início desta acreditava que sabia o porquê da escolha deste tema nada polêmico e que seria fácil pontuá-lo, conceituá-lo e assim preencher com as mãos nas costas o equivalente a vinte páginas do tema em questão. Na busca de referencial teórico que me desse o suporte necessário nesta caminhada passei por diferentes etapas que variavam entre o quase e o nenhum entendimento sobre o principal termo que norteia tal pesquisa. Quanto mais li mais percebi que nada sabia. E diante de tantos questionamentos busquei muitos autores que pudessem elucidar tal questão e principalmente me dessem a coragem para escrever as primeiras palavras sem mostrar-me totalmente perdida mas também como alguém que compreendeu a natureza complexa do termo gênero, e o peso que traz consigo quando



entendemos a sua utilização na história das relações entre homem e mulher. A fim de iniciar esta conversa quero falar brevemente sobre o nascimento do termo gênero, não enquanto palavra, mas enquanto significado nas relações humanas. Qual o significado adquirido, e tênue linha que separa gênero de sexo.

E para isso é necessário lembrar dos movimentos feministas, que nesta perspectiva de significado foram pioneiros no uso do termo gênero inicialmente para substituir a palavra mulher.

Segundo Scott (1995, p. 72):

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade.

A discussão sobre o tema é recente e ainda gera muitas polêmicas, tendo em vista as várias vertentes. Sem a pretensão de desclassificar ou diminuir demais discussões nem mesmo aprofundar demasiadamente devido o curto espaço; neste momento e para a atual abordagem quero teorizar o termo “gênero” para além das diferenças biológicas, quero abordar minimamente as relações de gêneros no campo social e profissional.

Lauretis (1994), iniciando a reflexão sobre o termo gênero a partir da gramática e de como este aparece na forma gramatical de diferentes maneiras, ou mesmo ausentes, conforme a língua verifica que:

O termo gênero é uma representação não apenas no sentido de que cada palavra, cada signo, representa seu referente, seja ele um objeto, uma coisa, ou ser animado. O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação(...) o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer(...) Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe (LAURETIS, 1994, p. 210)

O gênero é aqui entendido como “[...] os modos pelos quais o feminino e o masculino são representados e produzidos em uma dada cultura e em um determinado momento histórico” (LOURO, 2001, p. 22)



Scott (1995) não nega que existem diferenças entre os corpos sexuais. O que interessa a ela são as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido para essas e, conseqüentemente, posicionando-as dentro de relações hierárquicas.

A discussão sobre gênero é uma consciência da necessária desconstrução dos papéis sociais, de estereótipos constituídos e ligados a uma suposta natureza feminina ou masculina para determinada profissão, atuação, discurso, comportamento ou preferências. Cada ser humano carrega uma história, uma marca, uma ideologia e isso denomina a forma como irá analisar as situações vivenciadas e se será um reprodutor ou desconstrutor das impressões sociais. A quantidade de discussões a respeito da desnaturalização de papéis mostra sua elevada importância na atual atmosfera sócio-política e sócio histórica o que eleva a dificuldade do recorte no assunto.

Entendemos que os papéis de homem e mulher são construídos e repassados socialmente, e a construção profissional de ambos perpassa polemicamente por esta discussão quando os seres biológicos envolvidos indicam tendência profissional para áreas não destinadas a sua determinação biológica. Ouvimos comumente a luta das mulheres para ocuparem cargos e funções historicamente masculinas, desafiam a razão social ao provarem que têm capacidade para atuar e, mormente até melhor que seu inquisidor. Porém pouco se fala sobre a decisão do homem em ocupar funções ditas femininas, ainda é uma discussão velada, as opiniões não se destacam fervorosamente a favor porque uma outra construção social indica que um homem em determinadas atividades profissionais ditas femininas perdem certas características masculinas que o definia como superior.

Após décadas de estudos sobre a ocupação da mulher no mercado de trabalho é possível encontrarmos artigos e estudos sobre a “crise masculina” devido suas escolhas não estarem em consonância com as construções sócio históricas do momento em que vive, nos levando a refletir sobre as relações de gênero numa ótica de favorecimento masculino.

E embora o termo gênero tenha tido destaque inicial enquanto instrumento de análise das condições das mulheres ele não é e não deve ser tratado como sinônimo da palavra mulher, e sim para examinar as relações existentes entre o homem e a mulher em todos os campos sociais.



A presença de Homens na Educação Infantil

A docência enquanto uma prática tipicamente feminina, não permitiu por muito tempo a entrada de homens neste ramo dominado por mulheres preferencialmente mães, por toda sua carga emocional e afetiva reproduzida como inata durante toda uma vida. O exercício da prática docente dominada por mulheres tornou-se mais possível a partir da ampliação da escolarização das mulheres no sec. XIX no Brasil e sua entrada no mercado de trabalho. Até este momento a ação de cuidar e educar era entendida como um a extensão da maternagem não precisava assim de qualificação ou estudo específico. Considerando também aspectos financeiros nunca foi uma profissão que chamasse atenção dos homens¹, pois, não daria o retorno necessário ao sustento da família.

Saparolli (1998), em sua pesquisa abordou a presença de homens na Educação Infantil, o perfil dos profissionais, bem como a trajetória de suas escolhas. Ainda em parceria com pesquisas internacionais Saparolli aborda alguns mitos, obstáculos e preconceitos sobre a presença de homens na educação infantil. a) os “mitos e ideias arraigados sobre masculinidade”, b) a questão dessa realidade profissional ser ocupada preferencialmente por mulheres, c) os baixos salários, d) as condições inadequadas de emprego, e) o baixo status da profissão, f) preocupações relacionadas à possibilidade de abuso contra criança, em uma associação da masculinidade à violência.

De acordo com Campos (1991, p. 55), essa sensualidade “impregna a interação adulto-criança pequena, provinda tanto do contato corpo-a-corpo quanto da importância que assumem indicadores sensoriais: odores, temperaturas, sons etc.”. No entanto, a presença de tal desejo é mais aceita na interação mulher-criança que na homem-criança. Campos (1991) considera que:

É como se a maternidade efetiva ou potencial de qualquer mulher impedisse ou bloqueasse, a erotização de suas interações com a criança. As imagens de inocência e pureza ligadas à maternidade não parecem extensivas à paternidade. Quando homens se dedicam ao trabalho educativo com crianças pequenas passam a ser suspeitos tanto sobre sua identidade masculina, quanto sobre sua moralidade (CAMPOS, 1991, p. 55).

¹Segundo dados do MEC, no Brasil, as mulheres ocupam 97,9% das vagas de professor em creches – isso significa que, a cada cem docentes, apenas dois são homens nessa etapa.



A masculinidade encontra rejeição dentro da docência, o que nos remete as tão discutidas relações de gêneros, encontramos um campo profissional resistente ao homem por, entende-lo como desprovido das características femininas ligadas a maternagem, sem o afeto e o “fino trato” necessário para atingir o sucesso nas práticas de cuidar e educar crianças.

Por outro lado a presença de homens na educação infantil pode representar uma figura masculina ausente em casa, onde muitas crianças acabam por chamá-lo de pai e também o ainda atual “tio”.

A intenção no momento não é de analisar benefícios ou não da presença de homens na educação infantil, mas, tão somente a equidade de gêneros dentro desta prática educativa, mesmo porque é necessário considerar os diferentes pontos de vista dos pesquisadores que abordam a questão.

O estranhamento e a preocupação ainda existentes, seja por parte da família, da escola, dos próprios colegas ou de órgãos mantenedores encontram terrenos férteis em lugares onde a formação universitária escondeu o preconceito de muitos, porém revelada de alguma forma ou em algum momento quando se deparam com homens docentes na educação infantil.

Abordagem metodológica

Como é que nos tornamos fortes para explodir as formas como lemos, compreendemos, pensamos? [...] Qual é o grau de paixão que se necessita ter com o problema, para que aceitemos ficar, por um longo tempo, estudando e pensando sobre ele? (CORAZZA, 2000, p.119).

Toda linha de pesquisa vem de um anseio pessoal, algo que em algum momento nos atingiu, afligi, e de alguma forma precisamos de bases teóricas que dêem suporte para a solução dos nossos anseios, seja com novos ou desconstruindo algo que pensávamos ser um. E nesta caminhada junto ao meu anseio inicial que se delineava para a não condição da maternagem para uma prática eficaz enquanto docente na educação infantil, encontrei também algo que alinhou ao meu próprio anseio que foi a segregação de um profissional que atua em uma Instituição de Educação Infantil no município de Corumbá a uma sala de pré-escola pelo fato de ser homem.



Munidos destes questionamentos contatei todos os profissionais atuantes da instituição para ciência e consequente participação na pesquisa, onde se teria como foco as relações de gêneros na perspectiva dos profissionais atuantes, como eram encaradas as situações de segregação de um profissional pela condição de ser homem, qual entendimento dos professores sobre gêneros e se ainda existem profissões determinantes ao sexo biológico.

Todos os docentes se dispuseram a participar, a partir de então foram realizados alguns procedimentos como a) entrevista individual gravada, b) dinâmicas onde os papéis socialmente determinados foram trocados e c) foram passados alguns vídeos, sobre as condições de vida do homem e da mulher, como cada um procede socialmente, o que a sociedade espera de cada um enquanto homem e mulher, vídeos com adolescentes se posicionando a respeito das divisões “naturais” de comportamento, as preferências por cor, esporte, linguagem, vestimentas e profissões. Todos os vídeos foram passados sem nenhum tipo de comentário prévio, apenas que eram sobre as relações sociais de gênero.

As devolutivas dos docentes foram bastante alinhadas entre si na maioria das perguntas, não apresentando grandes diferenças de pensamentos no que concerne o que é gênero, sexualidade e profissões de homem e mulher.

Sobre a definição de gênero, os profissionais em sua totalidade responderam que é a diferença entre masculino e feminino. Não dando maiores detalhes, sendo a resposta bastante sucinta.

Quando falamos em sexualidade a maioria respondeu ser a maturação sexual e biológica do menino e da menina, tanto as questões de descobrimento do próprio corpo quanto do outro desde pequenos até a fase adulta, e apenas uma professora acrescentou as fases pregadas por Freud; anal, fálica, latência e genital, não fazendo, porém, menção específica as características de cada uma delas.

Nas questões referentes às profissões de homem e de mulher todos foram unânimes em afirmar que não há mais esta separação, que toda e qualquer profissão pode ser exercida por ambos, desde que tenham capacitação e qualificação para atuarem onde quer que seja e que isto deve ser ensinado desde cedo à criança. Profissões antes tidas como só de homem hoje são desenvolvidas por muitas mulheres e também, o homem já faz muitas coisas que eram



socialmente para mulheres. Na transcrição de fala do professor, que vamos chamá-lo aqui de professor H, temos o seguinte relato nesta questão:

Não existe profissão de homem nem profissão de mulher, ambos estão equiparados nesta questão, tanto que hoje vemos mulheres desempenhando funções que outrora eram de homens e vice-versa, então pra mim não há diferenciação alguma. (Informação verbal)²

Sobre discriminação e sanção na profissão por ser homem professor H,, temos o seguinte relato:

Sim, desde que comecei a trabalhar sinto a discriminação, anteriormente essa discriminação era velada, tanto dos pais, porque sou professor de educação infantil e iniciei minhas atividades no berçário, e também dos meus companheiros de trabalho, e hoje culminou que eu estou sofrendo uma discriminação generalizada dentro da educação como um todo, porque não sabem onde me confinar mais, estão me confinando na pré-escola, e me disseram que eu não posso mais trabalhar na creche por ser homem e que eu não poderia trabalhar diretamente com os menores e me colocaram na pré-escola com a fala de que eu vou me aposentar atuando na sala de pré-escola não podendo retornar minha atuação junto a crianças da creche, sendo que meu concurso é para educação infantil como um todo e não restrito a pré-escola. (sala da pré-escola funciona junto com a creche, dentro do mesmo espaço)(Informação verbal)

E ainda:

Muitas vezes quando uma criança precisava trocar de calcinha ou blusa vinha uma atendente e dizia: não, não, deixa que eu faço “tio”, ou mesmo na hora do banho a atendente me dizia que eu podia desenvolver as atividades pedagógicas porque ela daria conta da higiene das crianças sozinha. (Informação verbal)

Perguntei ainda aos professores sobre qual o papel que a Instituição de ensino deve desempenhar nas questões de gênero e sexualidade e em todas as falas é possível verificar que os professores acreditam que desde pequenos as crianças devem ser orientadas a dizerem não ao sexismo, não separando por brincadeiras, por preferências de cor ou brinquedo, e que as bonecas e carrinhos devem estar igualmente dispostos para todos brincarem. Porém quando estão na fase da pré-escola já estão com pré-conceitos ensinados pela família, e muitos meninos

²Entrevista concedida por “H, professor”. Entrevista I. [maio. 2017]. Entrevistadora: Débora Ribeiro da Costa. Corumbá-MS, 2017.



não bebem água em copo vermelho porque é coisa de menina, e também nem mesmo pegam cores para pintar quando acreditam ser àquela de menina.

Não é uma tarefa fácil para a escola intervir neste tipo de situação, onde a criança não pode se sentir perdida e sem referências, então com diálogo e brincadeiras atinge-se a criança.

E finalizando o questionário, os professores falaram sobre comportamentos de meninos e comportamentos de meninas, algumas falas foram comuns que não há essa diferenciação e que principalmente na escola não pode ter essa segregação e sexismo, mas também tivemos algumas falas diferentes e as destaquei a seguir:

Professora B:

(Pausa)... o menino é mais de movimento, a menina é mais tranquila, gosta mais de brincar, de sentar, brincar de boneca, digo pelos meus filhos, a menina gosta mais de assistir TV, o menino gosta de estar no quintal mexendo nas coisas, não que seja errado, mas eu vejo que naturalmente são assim. O menino é mais movimento e a menina mais quietinha. (informação verbal)

Professora A:

Muitas vezes a única coisa que eu acho que classifica comportamento é que o guri as vezes quer passar batom, e isso eu acho que não fica bem né? Mas o restante não existe, se ele quiser usar saia usa, porque usa no carnaval né? Usa brinco, não existe diferença de comportamento, não tem como classificar e nós como profissionais devemos conversar e entender a criança, porque ele não sabe o que é esta divisão, menino e menina, gênero, só em casa que já vem os pais separam isso. Eu entendo que nós não podemos classificar ainda. (informação verbal)

Professora H:

Olha, comportamento na educação infantil ainda não tem nada definido, eles se comportam normalmente sem malícia, sem está falando que você é guri e eu sou menina, brincam de qualquer coisa, menina joga bola, menino até brinca de boneca, eu não vejo assim, que tem que ter essa discriminação na educação infantil ainda e quando eles crescerem eles mesmo vão ver dentro deles esta separação porque as vezes os pais passam muito para as crianças isso. Você é guri, vai virar bicha? Ele pode até brincar de boneca, mas a orientação do adulto em cima da brincadeira que vai fazer com ele pense que ele é guri e vai jogar bola, jogar *bulita*, mas na educação infantil não tem ainda essa separação, eu vejo todo mundo normalmente, mas em casa os pais já passam e muitas vezes os professores também. (informação verbal)



É possível verificar uma contradição na fala de alguns professores que em determinado momento diz que não há separação entre homem e mulher principalmente na educação infantil, mas entende que tal comportamento cresce junto com a criança pois a família o impõe. Entendo que tal discussão é polêmica e teoricamente recente, e muitas vezes a prática não está alinhada com a fala, e de tão arraigada à prática a fala se perde na explicação. Não estou aqui para julgar a nenhum professor, mas tão somente para entender e elucidar que desconstruir toda uma vida que se julgava correto em seus conceitos não é tarefa fácil e poucos conseguem.

Finalizadas as entrevistas, seguiu-se a ação metodológica para as dinâmicas e aos vídeos de curta duração. Foram passados ao todo oito vídeos relacionados a gênero e aos papéis socialmente definidos, tendo duas pausas entre as sessões para as discussões.

Os professores se identificaram com as situações apresentadas da mulher com jornada tripla, das diferenças existentes entre homem e mulher e que independente de qualquer coisa há diferenças que sempre estarão presentes. Mulheres falam mais, vão ao banheiro em grupo, demoram horas para se arrumar, andam quilômetros para depois comprarem na primeira loja que entrou, carregam a casa quando viajam, etc. São situações que diferem homens e mulheres e sempre existirão, estarão de acordo sim com o momento histórico e social vivido. O que foi consenso é que não deve haver humilhação para ambos os lados por questões familiares, profissionais e sentimentais, que não tem um acima do outro, não há superioridade, apenas diferenças. Uma palavra bastante utilizada foi o sexismo, nova ainda, mas cheia de significados principalmente diante da situação que um colega vem passando dentro da instituição, o que foi debatido com ênfase pelo fato do mesmo ter sido segregado a uma sala de pré-escola por ser homem e que uma instituição que diz não haver diferenças entre profissões e comportamentos lança mão de uma história de quatorze anos de docência do professor na educação infantil para satisfazer interesses pessoais, que na verdade ninguém sabe exatamente de onde veio esse posicionamento e por que, apenas que está acontecendo.

Nas dinâmicas propostas todos participaram e realizaram trocas de papéis como sugerido e também falaram sobre a participação do homem em tarefas ligadas a família o que tem aumentado consideravelmente, mas segundo os participantes está longe do ideal. Por outro lado uma professora colocou que muitos homens também estão cansados do estereótipo de



“machão”, de “provedor”, de “insensível”, e que as vezes querem chorar e não podem ou não sentem liberdade ainda influenciados pela máxima de que “homem não chora”.

Considerações finais

Longe de estagnarmos a discussão sobre gêneros e quais papéis o ser humano ocupa na sociedade onde vive, precisamos dar uma breve pausa ao assunto devido uma necessidade temporal. Como fator inicial se pretendia investigar a opinião dos professores nesta complexa relação e assim procedi, e como lhe dar com o sexismo ainda tão presente e arraigado em um consciente que se cala para não escandalizar. Por unanimidade os professores entenderam que não deveria haver separações profissionais vinculadas ao sexo. E que crianças devem ser orientadas a não procederem de forma pré-conceitual. Porém reconhecem que longe estamos de encontrar um fator comum, as discussões estão em início de carreira. Ser professor exige cautela, equilíbrio, dinamismo e uma intuição quase sobrenatural, para intermediar situações que colocam as crianças entre conceitos de certo e errado, porém conceitos esses que surgem no seio familiar o que apimenta ainda mais a discussão. E necessário uma tranquilidade maior ainda para direcionar situações que confrontam nossa individualidade advinda de um outro adulto, de um outro colega, de um outro professor. A teoria parece fácil, mas portar-se de forma igualitária é missão árdua. Lutar pela igualdade e pelo direito do outro são passos que se desenham lentamente. A escola não é feita somente de paredes, esta é parte mais fácil, escola é feita de diferentes realidades que se aproximam em um mesmo espaço e chegam até o professor que por sua vez também não vem desprovido de ideologias. O desafio está na tênue linha do equilíbrio na convivência, na predisposição em ouvir, entender, estudar, compreender e aceitar ou não.

Referências

CAMPOS, Maria M.; GROSBaum, Marta; PAHIM, Regina; ROSEMBERG, Fúlvia. **Cadernos CEDES**. Profissionais de creche, n. 9, 1991.

CORAZZA, Sandra. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, Marisa. **Estudos Culturais em educação Vorraber**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000.



DE LAURETIS, Teresa. "A tecnologia de gênero". *In*: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural** Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 210.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. **A educação infantil e gênero: a participação dos Psicologia da Educação homens como educadores infantis**. São Paulo, 6, 1998, p. 107-125.